

Rede Convida: estendendo zelo e outros elos em tempos de pandemia

Rede Convida:
extending care and other links in pandemic times

Bruna Pinto Martins Brito¹
Elizabeth Medeiros Pacheco²
Luana da Silveira³

Resumo: Este artigo compartilha o processo de construção e gestão do projeto universitário de extensão, pesquisa e ensino, a Rede Convida, que articulamos enquanto docentes e discentes. Sua proposta surge na medida em que somos convocados a traçar e inventar modos de enfrentamento e cuidado perante a irreversibilidade das mutações que nos tornam contemporâneos de uma turbulência tão inédita quanto globalizante: a vulnerabilidade de nossos corpos, de nossas vidas. Acreditamos que o ensino e a aprendizagem se dão como efeito e

desdobramento da experiência compartilhada a partir das intervenções que produzimos, movidos pelo desejo de cartografar planos de afetação e produção de subjetividade e saúde implicados com as situações prementes com que nos deparamos em nosso processo formativo. Nesta urdidura, o presente artigo tem como objetivo demonstrar como a Rede Convida se articula a outras redes de pessoas e instituições para enfrentamento da COVID-19, visando também fomentar saberes e práticas transdisciplinares nos planos da escuta clínica, assim como da

¹ Professora Adjunta do curso de Psicologia de Campos dos Goytacazes da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Psicologia (Programa de Pós-graduação em Psicologia /UFRJ/Bolsa CNPq). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFRJ (Bolsa Capes). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Membro do grupo de pesquisa LAPSO (Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana/CNPq), Membro do GT da ANPEPP Psicanálise em Redes, Membro da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme). Co-coordenadora da Rede Convida. Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Invenções de dispositivos clínicos em tempos de pandemia”, Coordenadora do projeto de extensão universitária “Atenção, cuidado e redes de apoio a mães em sofrimento psíquico: construindo estratégias de enfrentamento frente aos impactos da COVID-19”. E-mail: brunapmbrito@gmail.com

² Professora Adjunta do Curso de Psicologia da UFF Campos dos Goytacazes. Co-coordenadora da Rede Convida; Doutorado-Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUCSP, 2012. Mestre em Subjetividade e Clínica - UFF, 2006. Graduação em Psicologia - UFRJ, 1977. Formação em Corpo-análise com Gerry Marezki, entre 1980-1986. Formação em Orgonoterapia com Federico Navarro no Instituto de Orgonomia Ola Raknes/IOOR, entre 1989-1992. Formação no Método GDS com Ivaldo Bertazzo, entre 1995-1998. E-mail: elzbietah.elizabeth@gmail.com

³ É Professora Adjunta do curso de Psicologia da UFF - Campos dos Goytacazes, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco em saúde coletiva/saúde mental, políticas públicas, instituições e coletivos. Co-coordenadora da Universidade Aberta à Loucura- UAL; co-coordenadora da Rede Convida; coordenadora do grupo de pesquisa-intervenção em saúde mental e justiça - GPISMJ; supervisora de estágio na RAPS. Possui graduação em Psicologia pela UNISC (1998), especialização sob a forma de residência em Saúde Coletiva pelo ISC/ UFBA (2002), Mestrado em Saúde Coletiva - ISC/ UFBA (2008), Doutorado em Psicologia Social na UERJ (2013). E-mail: luanadasilveira76@gmail.com



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

formação e de agenciamentos de redes comunitárias e de solidariedade. Por se tratar de um projeto em andamento, nossas considerações finais versam sobre alguns impactos desta iniciativa e os caminhos possíveis a seguir.

Palavras-chave: pandemia; práticas de cuidado; rede; vulnerabilidade.

Abstract: This article shares the process of building and management of the university project for extension, research and teaching, Rede Convida, which we articulate as teachers and students. Its proposal arises to the extent that we are called upon to devise and invent ways of coping and caring in the face of the irreversibility of technological mutations that make us contemporaries of a turbulence as unique as it is globalizing: the vulnerability of our bodies, of our lives. We believe that teaching and learning take place as an effect and unfolding of the shared experience from the operations we produce, driven by the desire to map plans of affectation and production of subjectivity and health involved with the urgent situations that we face in our faculty process. In this warp, this article aims to demonstrate how Rede Convida articulates itself with other networks of people and institutions to face COVID-19, also to foster transdisciplinary knowledge and practices in terms of clinical listening, as well as training and management of solidarity and community networks. As this is an ongoing project, our final considerations are about some impacts of this initiative and the possible paths to be followed.

Keywords: pandemic; care practices; network; vulnerability.

Introdução

Neste artigo, coloca-se em análise o processo de criação e gestão de e/ em rede frente às emergências atuais. A Rede Convida nasce de uma iniciativa de docentes do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) Campos, profissionais da rede atenção psicossocial e de saúde pública de Campos dos Goytacazes-RJ, profissionais liberais, inclusive egresses do curso e estudantes de psicologia, visando promover ações educativas, apoio a redes comunitárias e acolhimento *on-line* de profissionais de saúde e pessoas em situações de vulnerabilidade frente à situação da pandemia da doença COVID-19. Apesar de este tema ter sido exaustivamente debatido em diversos artigos recentes, em uma busca na base de dados Scielo com as palavras “pandemia” e “COVID-19”, encontramos 21 artigos publicados por autores brasileiros no campo da psicologia, porém, não encontramos nenhum artigo que relate atividades de extensão universitária¹ voltadas para a pandemia da COVID-19 no Brasil. Desse modo, entendemos que este artigo traz contribuições da extensão universitária entrelaçadas com pesquisa e ensino às práticas em psicologia e saúde mental.

Este projeto surge logo no início da pandemia, em março, aprovado enquanto extensão universitária em abril de 2020, e logo se torna pesquisa e extensão com ações de ensino. Somos convocadas a propor tal projeto na medida em que estamos diante da suscetibilidade universal de contrair o vírus Sars-Cov-2, porém com distinções quanto à vulnerabilidade frente ao mesmo e possibilidades de intervenção. É o que nos alertam Akerman e Pinheiro²,

¹ Disponível em scielo.org.br.

² AKERMAN; PINHEIRO, *Covid-19*.

a partir da diferença dos termos epidemiológicos, posto que a vulnerabilidade frente à doença não é igual para todos devido às nossas diferenças históricas de classe e gênero, acentuadas pelo racismo estrutural. Desse modo, as medidas de isolamento e distanciamento social no Brasil evidenciaram situações de privilégio de condições para tal. Para ilustrar, podemos recorrer aos dados do Índice de Isolamento Social, realizado pela Inloco que demonstra que o percentual chegou a 62,2% em 22 de março, enquanto no último levantamento este percentual é de 32,2%³.

Para compreender a vulnerabilidade distinta frente à COVID-19 (*Corona Virus Disease 2019*), podemos destacar alguns pontos. O primeiro deles se refere a profissionais de saúde e de serviços essenciais enfrentando diariamente a pandemia, muitas vezes, sem condições de segurança, como ausência de equipamentos de proteção individual (EPI's), o que também se torna vetor de transmissão. Um segundo ponto a ser explicitado diz respeito à impossibilidade de todos realizarem um isolamento e distanciamento social, como ocorre em favelas e comunidades periféricas em que muitas pessoas partilham o mesmo espaço, locais marcados pela ausência das mínimas condições de higiene (devido à falta de condições sanitárias básicas), facilitando o rápido contágio. Junto às questões distintas de classe, há ainda as questões implicadas ao racismo estrutural considerando a população negra como a mais afetada, como também os povos

indígenas, efeito direto do racismo estrutural que marca nossa sociedade. Nesse sentido, Passos⁴ nos aponta alguns dados que denunciam a alta mortalidade da população negra, fruto do racismo estrutural, como anterior à pandemia: óbitos maternos são mais altos entre mulheres negras do que em não-negras, assim como de adolescentes negros mortos por homicídios, entre outros. Nesse sentido, a autora afirma que “essa marca étnico-racial molda a sobrevivência e as condições da população brasileira”.⁵

Frente à pandemia, essa situação se agrava:

No Brasil, em que pese a ausência das informações desagregadas por raça ou etnia ou que quando coletada apresenta um preenchimento precário, sabe-se que negras e negros irão sofrer mais severamente os impactos da pandemia e seus vários desfechos negativos, considerando o histórico de ausências de direitos. Aliado a isto, dados nacionais têm apontado a maior prevalência de doenças crônicas e negligenciadas entre a população negra, resultado da maior vulnerabilidade social e econômica na qual ela está exposta e ao menor acesso aos serviços de saúde.⁶

Diante da inexistência de equidade de condições socioeconômicas, deparamo-nos com cenários muito distintos de pandemia no contexto brasileiro. Nesse sentido, podemos afirmar que “Não estamos no mesmo barco”, como pontuam Akerman e Pinheiro⁷. Em referência ao famoso naufrágio do *Titanic*, o texto nos lembra que “o lugar que se ocupa na sociedade importa no seu risco de morrer”.⁸

Neste contexto de pandemia com tantas desigualdades, iniquidades,

³ Dados fornecidos pela Inloco e disponibilizados em: <https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/>. A última atualização visualizada pelas autoras é de 29 de outubro de 2020.

⁴ PASSOS, *A carne mais barata do mercado é a carne negra*.

⁵ PASSOS, *A carne mais barata do mercado é a carne negra*, p. 91.

⁶ GOES; RAMOS; FERREIRA, *Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19*, p. 3.

⁷ AKERMAN; PINHEIRO, *Covid-19*.

⁸ AKERMAN; PINHEIRO, *Covid-19*.

vulnerabilizações biopsicossociais, como fica a saúde mental? A Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou recentemente sobre os graves efeitos da pandemia na saúde mental. Situações de isolamento social ou impossibilidade do mesmo, o medo constante do contágio, a sobrecarga de trabalho de profissionais de saúde e os processos múltiplos de luto, dentre outras situações, colocam as questões de saúde mental em cena. A partir disto, a OMS lançou um documento sobre a necessidade de políticas de saúde mental frente a pandemia da COVID-19.⁹ Afinado a esta proposição, o presente projeto encontra-se alinhado com as recentes diretivas desta instituição ao discutir e elaborar propostas de ação de promoção de saúde mental e fazer clínico, considerando questões político-sociais, de classe e racializadas.

Podemos afirmar que a Rede Convida é convocada a um trabalho que considera a vulnerabilidade distinta bem como a diversidade nos modos de existir e resistir a pandemia. Demarcamos que a Rede Convida se estabelece como um projeto interseccional. A interseccionalidade nas palavras de Akotirene,

visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.¹⁰

Lançar mão da interseccionalidade prevê, então, o compromisso com práticas que enfrentem e acolham o sofrimento psíquico em tempos de pandemia a partir das questões de gênero, raça e classe. Por isso, este

projeto se propõe a realizar atividades de pesquisa, ensino e extensão, considerando ainda a indissociabilidade entre formação e intervenção. Defendemos que a formação deve ser considerada como

o exercício prático de experimentação no cotidiano dos serviços de saúde com os diferentes sujeitos que o compõem, como um exercício indissociável da experimentação, do convívio, da troca em situações reais, com a qualidade e intensidade desta troca que favorece processos formativos. O que requer discutir o plano da clínica na sua inseparabilidade da filosofia, da arte, da ciência, e da política.¹¹

Desse modo, o compromisso ético da psicologia nos conduz à proposição de atividades de pesquisa-intervenção que possibilitem interrogar e avançar em busca de modos inventivos de dispositivos clínicos neste contexto atual, considerando o entrelaçamento de saberes, a pluralidade *psi* em um contexto pandêmico. Para tal, é preciso desvelar as desigualdades socio-econômico-raciais e a insuficiência de políticas públicas que contemplem a complexidade desta crise sanitária que assola nosso país.

Ademais, é crucial nos atentarmos às vulnerabilidades e vulnerabilizações psíquicas que a pandemia suscita e/ou acentua. Como propor isolamento e distanciamento social como segurança sanitária àqueles com os quais vem sendo construídas políticas públicas e de cuidado, através de redes de apoio e agenciamento, circulação e produção de autonomia como produção do cuidado de si e de outres? Partindo de princípios antimanicomialistas e antiproibicionistas, com dispositivos de acompanhamento terapêutico e redução de danos, o novo imperativo de cuidado “isolamento/

⁹ WORLD HEALTH ORGANIZATION, *Policy Brief*.

¹⁰ AKOTIRENE, *Interseccionalidade*, p. 14.

¹¹ BRITO; SILVEIRA, *Entre nós e redes*, p. 134.

distanciamento” coloca o encontro como “antiético” e ameaçador. Que efeitos no processo de subjetivação esse imperativo produz? Que questões convoca à Psicologia para repensar suas intervenções sociais? O que pode a universidade pública no contexto pandêmico?

Deste modo, podemos afirmar que a Rede Convida se gesta na urdidura dessas indagações, procurando abarcar as situações prementes com que nos deparamos em nosso processo formativo, enquanto estudantes e professores do campo transdisciplinar da saúde mental. Para tal, temos articulado redes de pessoas e instituições para o enfrentamento da COVID-19, como também temos fomentado saberes e práticas transdisciplinares nos planos da escuta clínica, da formação e de agenciamentos de redes comunitárias e de solidariedade.

Tais intervenções corroboram com o entendimento da universidade pública como responsável pela produção de conhecimento em co-gestão com os sujeitos concretos (alunos, profissionais, usuáries) e suas diferentes demandas. O que implica em estarmos atentas à complexidade e à dinâmica da pandemia e fazermos escolhas teórico-metodológicas que expressem e inventem um campo de interlocução entre os saberes, indissociados de um método, de um modo de fazer a formação¹². Essas escolhas são sempre ético-estético-políticas.

Assim, enquanto processo co-gestor de constituir e se constituir em rede, procuramos entrelaçar projetos das docentes envolvidas, pelas bifurcações da clínica *on-line*, da atenção psicossocial em novos territórios e pela potência do

corpo no *entre-corpos* como modos de produção de saúde, colocando em cena os processos de subjetivação que nos convidam a arriscar uma experiência de análise crítica das formas instituídas, o que nos compromete ética e politicamente a inventar e apostar.

Vírus mundo

[...] e te mostrarei algo que não é a tua sombra matinal andando atrás de ti nem tua sombra vespertina vindo a teu encontro; mostrarei teu medo num punhado de poeira.

T. S. Eliot, *The waste land*

Apenas duas décadas atravessadas na virada de século XX-XXI e somos arremessadas para fora da medida temporal de década ou século, arrebatadas por uma urgência que nos remete à escala de eras.

Nada do que já pudemos circunscrever por nossas ciências como campo do conhecido, medido ou avaliado, nos oferece o domínio racional de tamanho acontecimento; nenhuma das estratégias de guerra com as quais já estivemos submetidos a horrores e glórias nos permitem enfrentar a pervasão de uma potência tão mais eficiente quanto incapturável: Um vírus, CORONA vírus, inumana realza, anônima ironia.

Impasse radical da antropocena que se vê demolida de sua centralidade e convocada a restituir o plano de composição entre humano e cósmico, o que se apresenta como a noção de Mundo, muito mais complexa do que a desterritorializada noção de Terra. Dizer mundo implica abarcar a multiplicidade de vidas e modos de existir e modos de habitar, que vão além dos meios investidos por tropismos vegetais e instintos animais, vão até os extremos da responsabilidade ética e política da

¹² HECKERT; NEVES. *Modos de formar e modos de intervir*.

invenção de mundos e modos de existência diversos.

A dimensão pandêmica de contágio e letalidade que a atual ameaça configura se contrapõe à escala do ínfimo, do invisível de seu agente - um vírus, como tal, mutante, em exponencial reprodução. Paradoxo entre - um **mega** efeito de um **micro** mundo. Paradoxos nos convocam ao fora do representável, como desafios a percorrer em implicação plena. Paradoxos nos forçam a problematizar.

Essa dobra promovida pelas tecnologias da informação e sua política comunicacional oriunda dos meados do séc. XX, veio a culminar num tecnocentrismo digital e sua imagem de mundo como aldeia global, capturada pelo capitalismo mundial integrado (CMI)¹³ como sociedade de comunicação que exerce seu controle através de ampla rede linguística. Ocorre que este ideal, onde supostamente estaríamos todos conectáveis, se revelou por seu avesso: Estamos todos, e qualquer um, contagiáveis. O que nos remete à condição de "comum", portanto, não é o poder das tecnologias da comunicação, mas o plano comum de nossa vulnerabilidade. A condição hegemônica de sermos corpos, inextricavelmente implicados *entrecorpos*.

O terror cometido repetidamente por racistas de toda sorte há séculos, como genocídio de povos ancestrais, o terror cometido por fascistas e nazistas e suas massas que levaram ao extermínio judeus, ciganos no séc. XX, convocava nossa responsabilidade ética a incluir, como nossa, a dor e o passado de outrem, mesmo não tendo feito parte de nossa vida; nas palavras de Lévinas:¹⁴

"O passado de outrem, que nunca foi meu presente, me diz respeito, não é para mim uma re-presentação. O passado de outrem e, de algum modo, a história da humanidade, da qual jamais participei, à qual jamais estive presente, é meu passado".

Mas a essa convocação não respondemos todos com a mesma empatia. O horror com que racistas e fascistas continuam a oprimir toda sorte de coletivos e comunidades parece ter se multiplicado através das redes das tecnologias da comunicação, com o agravante de ser também incentivado por violência de Estado que expõe as populações de favelas e periferias a assédio policial.

Contudo, é nesta emergência das redes que somos surpreendidos pela ubiquidade não de nossos corpos, mas do vírus que, na Pandemia, nos implica a todos e qualquer um a estarmos lançados num mesmo mar - sendo que alguns de navio, outros de barco, outros ainda de jangada e a maioria a nado. Se a vulnerabilidade dos corpos nos colocaria em igualdade perante o vírus, a fragilidade das vidas não apresenta nenhuma similitude.

Esta pandemia tem sido o melhor analisador político de nossas diferenças em relação às condições de viver e de morrer, que produzem corpos mais e menos suscetíveis ao risco de contágio e às chances de cuidado e salvamento adequados. Aí moram as profundas desigualdades, acentuando a vulnerabilidade dos corpos cujas vidas se encontram condenadas ao racismo de cor e de classe. Os epidemiologistas podem mostrar os resultados de pesquisas, cujas estatísticas comprovam a repercussão do

¹³ GUATTARI, *As Três Ecologias*.

¹⁴ LÉVINAS, *Entre nós*, p. 157.

comando sanitário unânime da OMS "fique em casa" e a cruel situação de moradia urbana em países como o Brasil, onde pelo local e pelas condições de moradia já sabemos a quais direitos as pessoas terão ou não terão acesso. Grande parte da população habita em condições de extrema insalubridade e concentração humana de modo a não ser possível manterem-se juntas todas as pessoas que habitam a mesma casa e garantir alguma resistência psíquica. O comando razoável para evitamento do contágio pelo vírus se torna inviável para manter os afetos no limite do compartilhável. Além disso, "fique em casa" é passível de ser respeitado para quem tem, minimamente, a garantia de alguma condição financeira para sobreviver sem sair de casa para trabalhar. Não é o caso da maioria da população brasileira. O que afeta sobretudo as mulheres, que estão em diversas linhas de frente, com aumento da sobrecarga em casa, com funções do *cuidado considerado como feminino*, com o desemprego gerado pelo acúmulo de funções e com a perda de rede de apoio, tais como creches e escolas, fechadas na maioria dos municípios durante a pandemia. Estima-se o retrocesso de uma década em relação ao mercado de trabalho, inserções e conquistas.

Diante deste quadro alarmante de incapacidade política de responder às exigências sanitárias desta pandemia, será preciso cuidar de não agravar a pressão cotidiana a que estamos constritos. Este momento não supõe um depois, já que nos falta qualquer parâmetro para sua superação e isto nos remete à condição mais animal de presentificação da vida. A vida no regime do *agora* cotidiano. A vida no ritmo do sol a sol. Assim, não cabe às instituições impor metas de futuro próximo ou a médio prazo. E é, nesta

medida, que estamos convocados, enquanto professores e professoras, estudantes e profissionais da saúde, a indagar e, simultaneamente, construir os caminhos e as condições da educação para este momento intempestivo em seus diversos domínios.

O corpo não mente, e contraímos memórias dos afetos que perpassam nossos encontros alegres ou constrangedores, mantendo as marcas de toda situação vivida. Dizer saúde mental não exprime a velha dissociação entre mente e corpo mas, longe de alienar o corpo dos processos de subjetivação, acolhe como diversos e inseparáveis ambos regimes de expressão: o psíquico e o corporal enquanto inscrições do *socius*.

A abertura do ano letivo após as férias de verão deste 2020, paradoxalmente coincidiu com a suspensão de qualquer atividade presencial quando, em 16 de março, foi decretada a quarentena pela evidência de uma pandemia. A partir de então, num primeiro momento atordoados pela urgência e incerteza de como proceder em tal situação extrema, nos organizamos por volta de estudar e pesquisar como e o que fazer para nos cuidarmos e podermos também oferecer cuidados. Constituímos a rede neste percurso de buscar o como e o que fazer de modo a agenciar as diversas maneiras de pertencer e participar como discentes, docentes, formandos, e outros espaços de pesquisa.

Nessa perspectiva, as atividades da pesquisa O corpo sem alibi, se desdobram em uma articulação com a rede convida, e com a rede cabrucannabis a partir do momento de formação da rede convida, como uma das modalidades de atendimento, em modo grupal, aberto, visando a experimentação de práticas de si que

possam acolher tensões, torpores, angústias pelo viés da memória dos afetos inscrita nos corpos e repercutindo nos gestos, pedindo passagem expressiva.

Daí surgiu a proposta para nós, grupo de pesquisa "sem álibi", (apelido do projeto que se iniciou em set. 2014, junto aos alunos de Psicologia da UFF Campos) tomarmos a tarefa de inventar um possível para nossas oficinas na modalidade *on-line*, através desse grão de convivência semanal compartilhada no regime remoto, explorando a invenção heterotópica do encontro, fora do regime da comunicabilidade social compulsória. Buscamos valorizar a potência dos afetos de estranhamento, pois estranhar é não poder permanecer o mesmo. Tal proposta está implicada ao momento disruptivo provocado por esta pandemia e procura manter o caráter de dispositivo de acolhimento e de cuidado de si oferecidos através da Rede Convida, em sua ampla abrangência.

Desde 11 de junho de 2020, quando nos sentimos já mais situadas em relação ao que já experimentávamos entre nós, participantes da pesquisa "sem álibi", passamos a oferecer as oficinas e assim pretendemos prosseguir, enquanto vigorar a prescrição de recolhimento durante a pandemia. Buscamos favorecer a produção de afetos potentes contra o niilismo que nos assombra nestes tempos de incerteza e privação das formas de vida, considerando o afeto de confiança, um potente analisador, um afeto valioso na dimensão ética de cuidado, para que se favoreça a experiência efetiva de constituição de novos territórios existenciais.

Essas oficinas acontecem, em duas modalidades: quinzenal para atividades lúdicas com mães de crianças atendidas pelo coletivo Cabruncannabis e outra

modalidade, semanal, aberta para estudantes da UFF participantes ou não da Rede Convida, profissionais voltadas para as questões da saúde e da vida no cotidiano anômalo impresso pela pandemia. Ambas as modalidades se passam, com 2hs de duração, 80 minutos de práticas e 40 minutos de espaço para compartilhamento das experiências entre participantes. A cada encontro, a tentativa está em nos abriremos às práticas corporais, numa tentativa de desnaturalizar as marcas dessa prontidão à ação e demandas que se inscrevem em nossos corpos convocados por relações, hábitos e contratos já incorporados como sofrimentos inevitáveis ao modo de vida contemporâneo. Não visamos nem desempenho, nem treinamento por exercícios físicos, mas ativações da escuta corporal que se voltam à pulsação política e biofísica de nossos corpos, tornando unânime a vontade de compartilhar as experiências, numa roda de conversa ao final: Tempo de pensamento vivo - afinal afetos pensam e fazem pensar.

O encontro é intenso, embora virtual, por celular, ou por computador, mas todes em tela, com inimaginável vontade de compartilhar as experiências vividas durante as práticas, sendo formada uma roda de conversa após o encontro. É fácil notar a leveza e energização após cada encontro. Essa troca de experiências corporais permite evocar os conceitos produzindo, também, conhecimento teórico; contudo, o diferencial está em afetar alunes na produção de conhecimento a partir de suas vidas em estado de reconstrução, na maneira de se reterritorializarem na situação de emergência e suspensão promovida pela pandemia, uma operação de construir mundo com outres em um cotidiano inusitado. Dessa forma

temos podido partilhar relatos e narrativas de quem frequenta as oficinas, como um valor e suas vidas e não apenas pertinente à vida acadêmica.

On-line enreda e enredos

A aposta na integralidade – princípio e diretriz do SUS –, e na formação-intervenção implica a construção de redes que potencializem movimentos de mudança por meio da problematização dos modos instituídos de cuidar e gerir, e na materialização da integração ensino-serviço-comunidade. Propicia modos de fazer a formação que se constroem via a indissociabilidade entre cuidar, gerir e formar em perspectiva transdisciplinar, pois como afirma Benevides:¹⁵ “é no entre os saberes que a invenção acontece, é no limite de seus poderes que os saberes têm o que contribuir para um outro mundo possível, para uma outra saúde possível”.

A cartografia, enquanto método escolhido em nossa pesquisa-intervenção, se coloca como possibilidade de acompanhar processos que exigem invenção do cotidiano, produção de um corpo individual e coletivo que possa lidar com as exigências de isolamento e distanciamento social, com o deslocamento do medo paralisante para a consciência sanitária do risco individual e coletivo. O que afeta a todos, de modos distintos, mas é impossível passar imune e impune a esse processo turbulento.

Diante do caráter irreversível que a pandemia nos impõe, a virtualização dos modos de ensino e atendimento, expressa o paradoxo do limite da segurança sanitária e possibilidade de

criação do comum, de novos contratos terapêuticos, em que as fronteiras entre a vida pública e privada estão borradas e invadidas por sons, ruídos, olhares, ambientes distintos das referências tradicionais ou mesmo do atendimento *on-line* pré-pandemia. Novos contratos forjam contatos possíveis, o que torna diferente, nem menor nem igual ao que tínhamos como referência de trabalho e de encontro.

Cartografar processos em que estamos imersos, enredados pelas tramas das mudanças e convites a outras, deslocam referenciais, derrubam fronteiras e criam outras, alterando profundamente as experiências com o espaço-casa, espaço-rua, espaço-trabalho. A experiência com o tempo também é alterada, ao se fundir tempo de trabalho e tempo livre, em que cessa a alternância dos vários tempos sociais e surge a percepção do dia, onde praticamente falta a suspensão, especialmente para aqueles que foram jogados para universo do *homeoffice* numa espécie de disponibilidade *on-line full time*.

Como pesquisadores, as técnicas nos afetam, nos transformam, em uma dupla conexão de vetores e forças, por um processo de constituição recíproca. Depende de uma disponibilidade, engajamento, agenciamento e mobilização dos afetos, o que requer a dissolução dos pontos de vista, em uma relação intensiva de *estar com e não sobre*, onde ninguém é o fundamento.

o que nos convoca a efetuar a passagem do lugar de um, enquanto sujeito único, ao lugar de um enquanto um modo: ao invés de uma dor, um modo de doer, de um desvario, um modo de desvairar, de uma trajetória, um modo de traçar - onde, então, podemos começar a vislumbrar a partilha de modos que configuram a emergência de uma subjetividade reverberando para além de

¹⁵ BENEVIDES, A *psicologia e o sistema único de saúde*, p. 4.

uma pessoa, que se apresenta então como um modo de sentir, pensar, agir e viver.¹⁶

Não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados. Criar dispositivos para acolhimento e atendimento *on-line* gera a abertura ao desconhecido, outras naturezas de encontro. Envolvemos por um jogo de afetações, somos convocados a refletir sobre o quanto a pesquisa é uma questão de fé e de confiança, portanto, exige que analisemos as expectativas, o papel da autoridade do pesquisador, o papel dos eventos, que autorizam e fazem coisas virem a ser. Grupos de *whatsapp*, *lives*, rodas de conversa *on-line* ganham novos lugares de conhecimento vivo, possibilidade de contato, contrato, encontros, enquanto um processo de transformação recíproca, de pesquisadores e de pesquisadas, de professores e de alunas, da universidade e da comunidade, de terapeuta e usuária, em um processo de afetação mútua. Existir é variar em nossa potência de agir, entre subidas, descidas, elevações e quedas.¹⁷

Perante a vulnerabilização suscitada pela pandemia, que acentua desigualdades, e os retrocessos das políticas públicas, constituem-se redes comunitárias e de solidariedade como saídas possíveis às crises, rompendo com o assistencialismo histórico e produzindo agenciamentos com pessoas, instituições formais e informais. Diante do aumento da pobreza nos últimos anos, agravada com a pandemia, ações de arrecadação e distribuição de cestas básicas, *vaquinhas on-line*, etc. se tornam emergenciais para viabilizar a sobrevivência mínima e cuidado necessário de prevenção ao coronavírus. Tais ações deslocam a lógica da caridade, que mantém a piedade e racismo de classe, para a ética da

solidariedade e responsabilidade coletiva.

A Rede Convida, inicialmente constituída pelos Grupos de pesquisa-intervenção em Saúde Mental e Justiça, pela pesquisa *Corpo Sem Alibi*, pela pesquisa “Invenções de Dispositivos clínicos em tempos de pandemia” e a extensão universitária “Atenção, cuidado e redes de apoio a mães em sofrimento psíquico: construindo estratégias de enfrentamento frente aos impactos da COVID-19”, tem se articulado com: 1. UFF Campos: 1.1 Centro Acadêmico de Psicologia e 1.2. Diretório Central de Estudantes- ação das cestas básicas e acolhimento psicológico e 1.3. Pretas psi- acolhimento grupal; 2. Setor de psicologia do IFF Campos e Cabo Frio: apoio à comunidade quilombola e saúde mental institucional; 3. ADUENF- UENF; 4. Profissionais da rede de atenção psicossocial de Campos- apoio institucional e matricial; 5. Nação Basquete de Rua- NBR- ações de redes e solidariedade e formação; 6. Coletivo Cabrucannabis: formação, orientação e encaminhamento para tratamento com cannabis medicinal; 7. Coletivo de mulheres Nós Por Nós- atendimento psicológico e apoio jurídico; 8. Profissionais liberais/voluntárias de Campos, Macaé, Rio, Baixada, Salvador: atendimento psicológico, médico, psiquiátrico, terapia ocupacional e yoga.

O processo de criação e gestão de processos de ensino, pesquisa e extensão em rede, para nós enquanto autoras e articuladoras de grupos e ações, tem colocado questões importantes tais como: o que é território de intervenção? Como produzir encontros, oferecer presença e cuidado, incitar redes sem aumentar riscos? Acompanhar as discussões no

¹⁶ PACHECO, *Dos poros ao sopro*, p. 89.

¹⁷ DESPRET, *The body we carefor*.

grupo de pesquisa “Invenções de dispositivos clínicos em tempos de pandemia” e as invenções do grupo de saúde mental e justiça que se articulam com a Rede Convida, nos fornecem pistas importantes para tais questões.

Sobre o grupo de pesquisa “Invenções de Dispositivos clínicos em tempos de pandemia”, nossas discussões, em encontros semanais virtuais, são pautadas nos desafios de práticas psi, a partir de estudos interseccionais. É uma aposta em uma ferramenta metodológica para compreensão do cenário pandêmico, entendendo este como indissociado das questões de raça, gênero e classe. Este espaço de estudo e compartilhamento de práticas e afetos, tem se transformado em um potente espaço de formação de estudantes e profissionais, pautados em uma psicologia comprometida com as lutas antirracista, antimanicomial e antiproibicionista.

Outra iniciativa, vinculada à Rede Convida, se refere a atualização e invenção de saberes e práticas do grupo de pesquisa-intervenção saúde mental e justiça da UFF Campos¹⁸ que acompanha pessoas em situação de sofrimento psíquico grave que sofrem medidas judiciais, tais como a curatela e histórico de internação compulsória, encaminhadas pelo Ministério Público e pela RAPS. Com a pandemia pela COVID-19, novos desafios surgiram para o acompanhamento terapêutico-AT, que

tem como principal meio de atuação o território, junto com usuáries, familiares e pessoas outres, em busca do processo de desinstitucionalização como produção de autonomia e saúde, convivência comunitária e ocupação da cidade. Tendo que lidar com a suspensão e limitação impostas pela pandemia, fora preciso a criação de outros modos de se fazer presente e atuante. Atuando como intercessor e articulador de redes de saúde, sociais e afetivas, na perspectiva da pesquisa-intervenção, o projeto cartografa e contribui para a formação ética-política e de estudantes de psicologia, para a indissociabilidade entre clínica e política, para o compromisso social da universidade com as demandas das pessoas vulnerabilizadas pelos marcadores de sofrimento psíquico, gênero, raça e classe.

O decreto de uma pandemia é o evento trágico que nos possibilita refletir sobre o *cuidado em liberdade para promoção de autonomia e expansão de redes* como um dos fundamentos de trabalho e cuidado e saúde mental. As ruas nunca foram um espaço seguro para usuáries de drogas e dos serviços de saúde mental, especificamente quando se trata de usuáries pobres e negres. Na atual conjuntura, a repressão policial se intensifica sobre esses corpos. O que representa usuárie negre de máscara andando na rua? Pensar as ruas como território (im)possível, estando em um contexto pandêmico, em que estas se

¹⁸ Este grupo existe desde 2015 como desdobramento do grupo de estudo criado em 2014 e do projeto de extensão em desinstitucionalização, temos produzido novas tecnologias e dispositivos de cuidado através do acompanhamento terapêutico (AT). Conforme Brito e Silveira (*Entre nós e redes: experiências de formação-intervenção para a saúde mental e atenção psicossocial*) trata-se do acompanhamento de usuáries de saúde mental através da atenção domiciliar e da articulação com os pontos de atenção da rede, por meio da construção de um projeto terapêutico singular (PTS) com usuáries, familiares e profissionais desde as resoluções cotidianas à circulação na cidade, fortalecendo os laços ao conhecermos o território e seus itinerários terapêuticos (PALOMBINI, *Acompanhamento terapêutico*). Este grupo tem problematizado os atravessamentos sobre a produção do “louca perigosa”, considerando o controle e a dominação exercidos sobre estas, a partir do saber/poder psiquiátrico e jurídico na execução de sanções como: medida de segurança, internação compulsória e interdição/curatela judicial.

tornam ainda mais perigosas pela grande possibilidade de contágio do vírus, é pensar na saúde da população mais vulnerabilizada. Como garantir que as andanças, circulação e encontros se deem de modo seguro? Como não cair na armadilha do “Fique em casa” para justificar o isolamento histórico a que estas pessoas são submetidas em nome do cuidado e em defesa da sociedade que os têm como essencialmente perigosos? Como reverter o sentido da experiência de isolamento como confinamento para *afetiva e efetivamente* cuidado e proteção? Como orientar para que fiquem em casa, quando as relações territoriais eram (e são) as apostas de cuidado? Era urgente criar novas possibilidades justamente pela situação emergencial e evitar riscos de contágio, adoecimento, desassistência, entre outros. Portanto, pensamos em como ofertar presença à *distância* pela dupla ou grupo de acompanhantes terapêuticos (AT) e redutoras de danos, e mediada através de tecnologias, para contato direto ou indireto via rede de apoio. Nesse processo, esbarramos com problemáticas anteriores, tais como não acesso a direitos básicos, bens e serviços. Com a pandemia, a desigualdade social escancara-se ainda mais, trazendo questões urgentes, posto que pessoas já em situação de vulnerabilidade social ficaram mais expostas aos riscos de contaminação, visto o não acesso a materiais e serviços necessários para a proteção. O que fazer quando a RAPS não dá conta de cobrir todo seu território? Como conversar sobre higiene pessoal e prevenção ao vírus, quando uma família inteira compartilha a mesma toalha, única na casa? Como pensar isolamento social quando a moradia é

precária e pequena para quantidade de residentes caso alguém adoença?

Entre acompanhades, a vulnerabilização social é um fator constante. Para a COVID-19, conforme apontam Karol e Silva¹⁹, esse é mais um fator de risco. E assim, as vulnerabilizações e violências já presentes no cotidiano das pessoas acompanhadas tomam novas formas, e as medidas de controle do vírus disfarçam a *necropolítica*, a política de produção de morte e controle dos corpos considerados descartáveis²⁰, como a população negra, comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e mais (LGBTQIA+), mulheres, idosos, pessoas com sofrimento psíquico e usuáries de drogas. Assim, fora preciso reafirmar garantias mínimas de proteção e acesso a serviços para que essas pessoas não fossem esquecidas devido ao sufocamento de tais serviços, diante da sobrecarga de novas e antigas demandas.

Assim, desde março tem havido a intensificação na relação estabelecida com os serviços de referência de cada usuárie, que se tornou primordial para que a oferta de atenção pudesse se manter ativa, promovendo análises extremamente necessárias acerca da sobrecarga e precarização dos serviços e das práticas em saúde mental da cidade e ativar redes no território, já que em sua grande maioria, são pessoas com frágeis vínculos familiares e em intenso sofrimento.

Com o distanciamento e a presença nos serviços substitutivos se tornando menos frequente e mais pontual, sem a convivência grupal, antigas e importantes demandas puderam ser

¹⁹ KAROL; SILVA, *Da geografia da população à necropolítica*.

²⁰ MBEMBE, *Necropolítica*.

retomadas, como a de ter uma casa minimamente equipada, caso de uma das pessoas acompanhadas. Por isso, acredita-se que a pandemia é, paradoxalmente, um momento de estar ainda mais próximo, pois intervém naquilo que gera a insegurança, solidão, vulnerabilidade e outras. Questões antigas se atualizam como a lógica da periculosidade/ incapacidade que atravessa tais sujeitos e o medo social, já que somos todes contagiáveis, o inimigo-vírus se converte naquele considerado incapaz de se cuidar e que oferece risco de contágio social: inimigue-hospedeire.

Dentre as dificuldades mais pungentes, conseguir contato com pessoas que acompanhamos, posto que estas não estavam indo ao serviço de referência e não possuíam telefone ou outro meio que viabilizasse o nosso contato, representou um dos nossos maiores obstáculos. Não tínhamos notícias de como estavam, se tinham acesso à informação sobre as medidas de prevenção ao COVID-19, se estavam conseguindo se cuidar e, se conseguiriam ter o mínimo de acesso a itens básicos de higiene extremamente necessários para proteção. A ausência de contato por mais 20 dias com uma das pessoas acompanhadas pelo grupo, fora uma das muitas situações angustiantes e marcantes que experimentamos. Impossibilitada de ir até o serviço de referência e cuidado, sem condições de se alimentar, devido ao não acesso a nenhum tipo de renda e sem possibilidade de moradia que ofertasse recursos concretos para o cuidado e higiene pessoal. Tal situação representara algo quase intransponível para nós, principalmente, na medida em que a pandemia avançava a passos

largos no Brasil e na cidade que exercemos nosso trabalho.

Em meio à angústia e à insegurança frente à imprevisibilidade do momento, e o medo que atravessa a todes, possibilitar acesso a meios de comunicação como celulares e, entrar em contato através dos mesmos àquelas que já o tinham, fora uma das estratégias possíveis para fazer-se presente, ofertar escuta, orientações e mediar o acesso a serviços e a políticas de assistência, como o auxílio emergencial, benefício instituído pelo Estado em tempos de calamidade, para possibilitar garantias mínimas de vida diante do contexto.

Além disso, em algumas situações, devido à demanda e possibilidade das AT's, em diversos momentos fora preciso fazer o encontro presencial, com todos os cuidados necessários de distanciamento social e equipamento de proteção individual. Em meio aos protocolos a serem seguidos, sentimentos ambíguos são despertados, o medo de ser vetor de transmissão, medo de contaminar-se, em contraponto à saudade e à potência dos encontros e dos abraços, que nesse momento, em prol do cuidado coletivo, de si e do outro, não é possível vivenciar. A cada encontro, físico ou mediado pelo celular, sempre intensos, fora preciso lidar com a ausência do toque e reinventar maneiras de tocarmos e cuidarmos distantes fisicamente. Modos possíveis de ser AT articulando, portanto, com a estratégia da Redução de Danos (RD).

Em um conceito ampliado, a Redução de Danos pode ser entendida como estratégia para atenuar os danos à saúde em decorrência a comportamentos de risco²¹. Em contexto pandêmico, a atuação pautada na Redução de Danos

²¹ POLLO-ARAUJO; MOREIRA, *Aspectos históricos da redução de danos*.

é fundamental, tanto para prevenir a COVID-19 como outros agravos e problemas, e em caso de contágio, favorecer o tratamento no local de moradia e tratamento na rede de saúde. Nesse processo, entendemos que as estratégias de Redução de Danos são excelentes produtoras de oportunidade para a diminuição desse contágio, com práticas educativas, preventivas e de cuidado, focando sobre a transmissão do vírus, formas de diminuir a propagação do contágio e, conseqüentemente, se proteger, e deste modo, contribuindo para a produção de autonomia e saúde, cruciais no processo desinstitucionalizante. Processo que nos inclui e constitui enquanto universidade formadora, alterando modos de relação com a comunidade, entre professoras e alunes, apostando que a assimetria não se transforme na dureza da hierarquia, e que estejamos construindo e aprendendo juntas.

Outras iniciativas se somam a estas na tentativa de buscar de práticas de cuidados e estratégias de apoio para enfrentamento da pandemia.

Acolhimento *on-line* e redes de apoio e solidariedade

Neste cenário pandêmico, em que “O tempo se encontra suspenso, ou pelo menos está diferente. Ele parece se alongar, mas também se acelera”.²², como é possível realizar práticas de cuidado e acolhimento? Quais soluções podemos inventar? No início da Rede Convida, o ponto de partida foi encontrar parcerias para composição de uma rede de acolhimento gratuito e *on-line* em virtude da pandemia que

inviabilizava os encontros físicos. Neste momento inaugural, nossa proposta se direcionava ao acolhimento de pessoas: com suspeita, que estavam ou estiveram com COVID-19; Idosos; Mães solo; Mulheres em situação de violência; profissionais de saúde e educação; Adolescentes em conflito com a lei; Moradores de periferia.

É importante marcar que o acesso à internet não corresponde à realidade da população brasileira em geral, como demonstram os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua (2018), última pesquisa divulgada pelo IBGE neste ano.²³ Apesar de não serem dados referentes à pandemia, estes apontam que 74,7% da população tem acesso à internet, sendo 98,1% de acesso via aparelhos celulares, e 79,4% das pessoas que tem acesso à internet se encontram em zonas urbanas. Na divisão regional do país, o Centro-Oeste (81,5%) e o Sudeste (81,1%) se encontram com maiores índices de acesso e a região Nordeste (64%) com o menor índice. No item “Rendimento real médio per capita dos domicílios em que havia utilização da Internet”, a renda de pessoas que acessam via telefone celular é R\$ 1.765,00.²⁴ No que se refere ao gênero, as mulheres (75,7%) possuem mais acesso do que os homens (73,6%). Vale lembrar que não encontramos dados referentes à raça nesta pesquisa. Podemos inferir que esses dados apontam, assim como nossa experiência na Rede Convida, que ainda há uma parcela da população sem acesso à internet, provocando obstáculos às práticas de acolhimento no cenário da pandemia. Ainda assim, este projeto tem

²² CHIRIACO, *Une fenêtre ouverte*.

²³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018*.

²⁴ Importante marcar que em 2018, o salário mínimo era de R\$ 954,00.

promovido acolhimentos, a partir de pedidos de ajuda via o perfil do projeto no Instagram, via pessoas que conhecem o projeto e participantes que nos contatam para encaminhamentos ou ainda via redes de solidariedade (de que falaremos adiante).

Mas, retomando o percurso histórico do projeto, rapidamente as demandas de pessoas em situações de sofrimento psíquico se diversificam, conduzindo a uma abertura para o acolhimento dentro da disponibilidade das participantes da rede, em constante ampliação, assim como a parceria com serviços, coletivos como PretasPsi e, mais recentemente, o projeto de extensão “Atenção, cuidado e redes de apoio a mães em sofrimento psíquico: construindo estratégias de enfrentamento frente aos impactos da COVID-19”. Este, por sua vez, está diretamente ligado a uma das frentes da Rede Convida: o apoio às redes de solidariedade. Frente que considera o cuidado e apoio como imbricados e que se fazem em várias direções, por sabermos que a vulnerabilidade social se agrava com a pandemia, como recentemente noticiado sobre o retorno do Brasil ao “Mapa da Fome”. Neste cenário, é fundamental que a Rede Convida também se conecte a Redes de solidariedade comunitárias, como a ação de cestas básicas, iniciativa do projeto de extensão universitária “A UFF Campos faz”. Destinada a pessoas da comunidade acadêmica com vulnerabilidade econômica, essa ação articula cuidados preventivos da COVID-19, com distribuição de máscaras e álcool gel, como também encaminha pessoas que demandam acolhimento psicológico a serem acompanhadas por estudantes e profissionais da Rede Convida. Há ainda a possibilidade de acolhimento *on-line* em grupo, com marcadores de raça e gênero. Pessoas

identificadas como negras são acolhidas pelo coletivo PretasPsi, e mães pelo grupo de extensão “Atenção, cuidado e redes de apoio a mães em sofrimento psíquico: construindo estratégias de enfrentamento frente aos impactos da COVID-19” citado anteriormente. Este último nos ensina sobre os modos de inventar o acesso às mães em situação de vulnerabilidade social e intenso sofrimento psíquico. A partir de um levantamento das mães incluídas no projeto de doações de cestas básicas, nasceu a proposta de realização de rodas de conversa *on-line* quinzenais com mães, majoritariamente universitárias, em situações de vulnerabilidade social e psíquica. Essa rede de mães que se iniciou no segundo semestre de 2020 tem contribuído no acolhimento ao sofrimento a partir da potência do grupo em compartilhar experiências e criar estratégias coletivas para questões maternas como a sobrecarga mental, a dificuldade do autocuidado e, ainda, os obstáculos ao ensino remoto impostos às estudantes mães.

Há outras atividades na Rede Convida que merecem nosso destaque. Na coordenação deste projeto, organizamos reuniões periódicas com participantes da rede para discussão sobre a dinâmica da rede e os encaminhamentos das demandas. A partir destas discussões, surge a proposta de realização de encontros para discussão dos casos em atendimento num processo não-hierárquico de super-visão, num encontro de contribuição, de inter-visão que colabora para o compartilhamento dos desafios e impasses dos acolhimentos realizados.

O acolhimento *on-line* e a articulação de redes se atravessam e partem da compreensão da atenção psicossocial como indissociável da dimensão clínica-

política de um fazer ético e inventivo, com produção de novos territórios e dispositivos de intervenção e conexão. São ofertas que atendem a pessoas que não se *enquadram no perfil strictu sensu* de serviços oferecidos pelo SUS e SUAS, e diante da suspensão de clínica-escolas, como os serviços de psicologia aplicada das universidades, não têm serviços sociais e ou públicos para serem atendidas. Como também a oferta *on-line* tem demonstrado a relevância de possibilitar acesso a quem não buscaria acompanhamento presencial por dificuldades de acesso, de informação ou mesmo como parte do sintoma. Entendemos que mesmo com a reabertura e ampliação de serviços, a modalidade *on-line* permanecerá por apresentar possibilidades terapêuticas distintas, inclusive do modo como se dava antes da pandemia, como tem sido com a reformulação dos estágios.

Considerações finais

Muito são os desafios que se desvelam nesta pandemia, mas há muita potência em forma de rede. É nossa aposta neste projeto que extrapola os muros, reforçando o compromisso social da universidade pública. A partir desta aposta, temos nos esforçado para compor uma rede que convida a composição de elos e zelos em um momento tão delicado como este em que nos encontramos.

Neste artigo, buscamos demonstrar como este projeto nasce da urgência pandêmica e se entrelaça com projetos de pesquisa-intervenção, ensino e extensão já existentes das autoras, bem como a proposição de novas ações com a organização da Rede Convida e com a participação de profissionais de saúde e vinculação com instituições. Dentre as atividades em andamento, gostaríamos

de destacar: oficinas semanais em parceria com a pesquisa O Corpo Sem Alibi; acompanhamento terapêutico em parceria com o Grupo de Pesquisa Saúde Mental e Justiça; encontro semanais com o grupo de pesquisa “Invenções de dispositivos clínicos em tempos de pandemia”; acolhimento, acompanhamento e/ou encaminhamento dos casos demandados em articulação com as redes do território; realização de espaços de troca com os encontros de inter-visão; coordenação de atividades de formação como divulgação de informações sobre a pandemia através das redes sociais e realização de minicurso na semana de psicologia da UFF-Campos.

Por se tratar de um projeto em curso, algumas iniciativas ainda estão por vir, como oferta de estágios, inclusão de práticas integrativas, e elaboração de um documento digital com diretrizes e estratégias para cuidados em saúde mental em tempos de pandemia para ampla divulgação.

Referências

- AKERMAN, M.; PINHEIRO, W. R. Covid-19: Não estamos no mesmo barco. *Le Monde Diplomatique*, 14 abr. 2020. Acervo Online Brasil. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/covid-19-nao-estamos-no-mesmo-barco/>. Acesso em: 26 jul. 2020.
- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.
- BENEVIDES, R. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces? *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, pp. 21-25, ago. 2005.
- BRITO, B. P. M.; SILVEIRA, L. Entre nós e redes: experiências de formação-intervenção para a saúde mental e

- atenção psicossocial. In: MACHADO, Barbara Brader; CURI, Paula Land; COSTA, Rosane de Albuquerque. *Psicologia em extensão: corpos à margem, desafios à formação*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018, pp. 133-156.
- CHIRIACO, S. *Une fenêtre ouverte*. L'Hebdo-Blog, Nouvelle Série, 5 abr. 2020. Disponível em: <https://www.hebdo-blog.fr/une-fenetre-ouverte/>. Acesso em: 10 out. 2020.
- DESPRET, V. The body we carefor: Figures of anthropozoo-genesis. *Body and Society*, v. 10, n. 2-3, pp. 111-134, 2004.
- GOES, E. F.; RAMOS, D. O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300301&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jul. 2020.
- GUATTARI, F. *As Três Ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.
- HECKERT, A. L. C.; NEVES, C. E. A. B. Modos de formar e modos de intervir: quando a formação se faz potência de produção do coletivo. In: MATTOS, R. A.; BARROS, M.E.B.; PINHEIRO, R. (Orgs.). *Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: CEPESCIMS/UERJABRASCO, 2007, v. 1, pp. 145-160.
- INLOCO. Mapa brasileiro da COVID-19. *Inloco*, 2020. Disponível em: <https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- KAROL, E.; SILVA, C. A. da. Da geografia da população à necropolítica: presentificação e disputas de sentido em tempos de coronavírus. *Revista Tamoios*, [S.L.]: Universidade de Estado do Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp. 39-49, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/tamoios.2020.50375>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- MONDZAIN, M.-J., Para "os que estão no mar...". In: DIDI-HUBERMAN, G (Org.). *Levantes*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 Edições, 2020.
- PACHECO, E. M. Dos poros ao sopro: a dimensão estética da experiência. In: LIMA, Elizabeth Araújo; FERREIRA NETO, João Leite; ARAGON, Luiz Eduardo (Org.). *Subjetividade contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Curitiba: CRV, 2010.
- PALOMBINI, A. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psychê*, São Paulo, v. 10, n. 18, pp. 115-127, set. 2006.
- PASSOS, R G. "A carne mais barata do mercado é a carne negra": saúde da população negra em tempos de COVID-19. In: MOREIRA, E. M.; PASSOS,, R. G et al.(Org.). *Em tempos de pandemia: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais*. Rio de Janeiro: ESS/UFRJ, 2020, v. 1, pp. 90-97. Disponível em: [\(DES\)TROÇOS: REVISTA DE PENSAMENTO RADICAL, BELO HORIZONTE, V. 1, N. 1, JUL./DEZ. 2020. ISSN 2763-518X \(ONLINE\).](http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Divulgacao/EmTemposdePandemia/EM-</p>
</div>
<div data-bbox=)

TEMPOS-DE-PANDEMIA.pdf. Acesso em: 17 dez. 2020.

POLLO-ARAUJO, M. A.; MOREIRA, F. G. Aspectos Históricos da Redução de Danos. In: NIEL, Marcelo; SILVEIRA, Dartiu Xavier da (Org.). *Drogas e redução de danos: uma cartilha para profissionais de saúde*. São Paulo: Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (PROAD). Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ministério da Saúde, 2008. pp. 9-19.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Policy Brief: COVID-19 and the Need for Action on Mental Health*. WHO: Genève, mai. 2020. Disponível em: https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf.

Recebido em: 31.10.2020

Aprovado em: 03.12.2020